

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	8120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-5-
Estrangeiro (união geral dos correios).....	5\$000	2\$500	-5-	-5-
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-5-

5.º ANNO — VOLUME V — N.º 113

11 DE FEVEREIRO 1882

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LORATO — Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa, R. — Salão de Quadros, MONTEIRO RAMALHO — As nossas gravuras — Canonisação de quatro novos santos, R. — O coração revelador, FRANCISCO D'ALMEIDA — Bento da França Pinto de Oliveira, J. B. — Saptos de Defuncto, LEITE BASTOS — Publicações.

GRAVURAS. — Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa — Triptyco do extinto convento dos carmelitas da Vidigueira — Bento da França Pinto de Oliveira, novo governador de Timor — Museu Nacional de Bellas-Artes, Palacio da Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa — João Gualberto de Barros e Cunha — Salão de Quadros, Bairro de Pescadores na Povoia de Varzim, Quadro de Silva Porto — Egypto, A Pyramide de Meydoom explorada recentemente pelo orientalista Maspero — Enygra.

CHRONICA OCCIDENTAL

Desappareceu da scena politica e da scena do mundo um dos vultos mais notaveis da politica portugueza, um homem em quem n'um momento o paiz concentrou todas as suas esperanças, o sr. bispo de Vizeu.

Poucos homens n'estes ultimos tempos de profunda e justificada descrença em todos e em tudo quanto é politica portugueza, foram acolhidos com mais sympathia e mais benevolente expectativa na sua ascensão ao poder.

E que todos reconhecem de ha muito a necessidade, cada vez mais urgente, d'um reformador energico, audaz, que faça entrar o paiz no caminho direito de que se afastou ha longos annos, e imaginaram que o sr. bispo de Vizeu, um ministro novo, um despreocupado das convenções

partidarias, seria esse reformador esperado ansiosamente.

Não o foi, porque não o podia ser, ou porque não o deixaram ser; isso não vem para aqui agora discutir e descriminar.

Entretanto o seu governo affirmou-se por uns principios de economia, que lhe levantaram grandes attritos, como não podia deixar de ser, e cujos effeitos que deveriam ser salutaes, se perderam

completamente com as administrações posteriores. Vendo desmanchado o principio da sua obra, o sr. bispo de Vizeu afastou-se da politica militante, retirou-se para a sua diocese e lá morreu agora, com 74 annos de idade, forte, robusto, e succumbindo a uma pneumonia dupla, essa traçoira contra que são impotentes os mais poderosos organismos.

Nunca conhecemos pessoalmente o sr. bispo de Vizeu. Dizem os seus amigos, aquelles que com elle trataram de perto, que era um bello coração, um excellente caracter, sob as apparencias rudes, pouco sympathicas, dos *premiers abords*.

Physicamente era um homem de estatura regular, cheio, forte, robusto, uma organização vigorosa de provinciano sadio, parecer carregado, severo, modos bruscos, *saccadés*, desembarcados.

As suas qualidades caracteristicas como politico eram a energia, a actividade, a coragem rara com que caminhava através de todos os obstaculos, para chegar ao seu fim.

Como parlamentar não tinha a eloquencia brilhante dos oradores modernos, os primores da forma, a sciencia dos effeitos de linguagem; tinha, porém, duas qualidades predominantes que o distinguiam na tribuna: um rude bom senso pratico e uma franqueza desassombrada, que lhe permitia dizer tudo e a todos, sem rodeios nem figuras de rhetorica.

Quando elle fallava, fazia-se um profundo silencio na camara, os adversarios sabiam que fariam verdades amargas, ditas sem reboço; as galerias ouviam-n'o com prazer, porque a sua voz forte, ampla, rude, dizia alto, tudo aquillo que todos pensavam baixo; e a sua idade, o seu largo conhecimento das coisas publicas, o seu bom senso, a sua franqueza sincera, davam grande auctoridade áquella voz, que se calou agora para sempre.

Chefe do partido reformista, foi um dos signatarios do pacto da Granja, e o partido

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE ORNAMENTAL EM LISBOA



TRIPTYCO DO EXTINTO CONVENTO DOS CARMELITAS DA VIDIGUEIRA
(Segundo uma photographia de Laurent)

progressista perde n'elle um dos seus mais valiosos chefes, e o paiz um dos seus estadistas mais desinteressados, mais desassombrosos e mais illustres.

— N'estes dez dias houve tambem outra morte que fez triste sensação em Lisboa, foi a morte do sr. Luiz Guedes Coutinho Garrido, um escriptor muito estimado pelos dotes apreciaveis do seu sympathico talento, e muito querido pelas excellentes qualidades pessoaes, que faziam d'elle um cavalheiro distinctissimo.

O sr. Luiz Garrido era ainda novo, tinha muitas relações na nossa primeira sociedade, era um bellissimo character, cuja delicadeza excessiva podemos algumas vezes apreciar.

Como escriptor deixa obras muito apreciaveis, era correctissimo e extremamente illustrado, e a Academia das Sciencias perdeu n'elle um dos seus socios mais dedicados.

A sua morte foi para nós e para quasi toda a gente uma triste surpresa. Ha mezes doente, não se calculava que a sua enfermidade tivesse tão rapido e fatal desenlace.

— O centenário do marquez de Pombal, começa a preoccupar os portugueses. D'um lado trabalham activamente os estudantes de Lisboa, com um nobre ardor e um santo entusiasmo, para solemnizar com uma grande homenagem publica, o primeiro centenário da morte do grande estadista portuguez. Por outro lado em Braga e em Coimbra os reaccionarios assustados com estas manifestações agrupam-se para protestar contra ellas, para ajustarem assim como puderem a conta em aberto com o grande ministro de D. José desde a expulsão dos jesuitas.

A mocidade academica traz para esta festa o fogo sagrado dos puros entusiasmos e dos poucos annos: os seus trabalhos progridem activamente dirigidos pelos rapazes de mais talento que ha nos bancos das escolas.

No programma d'esses festejos figura uma procissão civica. A commissão executiva do centenário vae dirigir-se ás senhoras portuguezas a pedir-lhe para bordarem o estandarte, que deve figurar n'essa procissão.

A maçonaria portugueza trabalha tambem já para commemorar o centenário do marquez de Pombal, promovendo a elevação d'um monumento ao grande restaurador de Lisboa, no parque da Avenida da Liberdade.

Os nossos irmãos que estão no Brazil e que não esquecem nunca as grandes datas nacionaes preparam-se tambem para festejar lá o dia 8 de maio em que faz cem annos que morreu o famoso estadista.

Temos defronte de nós a circular da commissão executiva do centenário de Pombal, do gabinete portuguez de leitura em Pernambuco.

Essa commissão entendeu, e entendeu muito bem, que uma das maiores homenagens prestadas á memoria do marquez de Pombal seria a publicação d'um estudo conscienciosamente feito sobre o ministro de D. José, a sua obra e a sua poderosa influencia na sociedade portugueza, e encarregou de escrever esse difficil e importantissimo estudo o sr. Dr. Antonio de Souza Pinto.

— Leu, ha noites, no theatro de D. Maria, um drama historico, que se deve representar proximoamente, quando se inaugurar o monumento da Restauração, no Passeio Publico, amanhã Avenida, o sr. dr. Miguel Osorio.

Não pudemos assistir á leitura d'esse drama, que tem por assumpto a restauração de Portugal e por titulo os *Portuguezes de 1640*, mas agradecemos aqui o convite que nos foi feito.

Não conhecemos o drama, mas o que é factio, é que o assumpto apesar de gasto, n'uma immensidade de detestaveis peças, armadas simplesmente ao hymno da Restauração, ainda não encontrou quem arrancasse d'elle o drama viril, heroico e forte que n'elle existe.

Ha milhares de dramas da *Restauração de Portugal*, mas o drama da recuperação da nossa independencia ainda está por escrever.

Tel-o-hia escripto o sr. Miguel Osorio? Desejamos-o por elle e pela litteratura portugueza.

— Os theatros de Lisboa tem-nos dado estes dias poucas novidades, mas tem-n'as em elaboração.

D. Maria prepara a *Odette*, a ultima peça de Sardou, e emquanto a ensaia, fez uma *reprise* da *Dora* para beneficio da actriz Virginia, uma das nossas atrizes de mais talento, que n'estes ultimos tempos tem feito progressos extraordinarios, e que teve um *successo* no papel de *Dora*, creado em portuguez de preta pela sr.^a Paladini.

O Gymnasioapura a *Revista do anno*, de Ur-

bano de Castro, que naturalmente subirá á scena ainda antes do carnaval.

A Trindade ensaia o *Dia e a noite* de Lecocq, e espera, com um espectáculo novo, ensaiado e prompto, que o actor Leoni se restabeleça d'uma erysipela que o afastou da scena, para dar o beneficio do seu maestro regente, o illustre compositor hespanhol D. José Rogel.

S. Carlos deu ha noites mais uma opera nova; — na presente epoca a empresa substituiu a qualidade pela quantidade — o *Ernani*, que é a decima nona ou vigessima opera nova da estação lyrica.

O *Ernani* é uma das peiores operas de Verdi; e só se tolera quando tem um desempenho notabilissimo.

Este anno não o teve, e portanto foi mais uma massada que a empresa de S. Carlos inflingiu aos seus assignantes.

Tambem o numero d'ellas é já tão grande, que mais uma ou menos uma, pouco faz ao caso.

Gervasio Lobato.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

ou

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

III

Dando em estampa hoje a frontaria do edificio onde se estabeleceu a exposição de arte ornamental e que está destinado para Museu de Bellas Artes, cumpre-nos dizer alguma coisa a respeito d'elle.

O edificio é um dos tres palacios que o grande marquez de Pombal construiu durante a sua vida, e o ultimo em data. Por occasião da morte de el-rei D. José achava-se a sua construcção adiantada mas succedendo logo a demissão e desgraça do marquez, pararam as obras, ficando uma parte do edificio por concluir, como se póde ver.

Não se distingue, como quasi todas as obras d'aquelle tempo, por elegancia de architectura, gosto ou graça de risco. A sua frontaria é pouco agradável e não tem grandiosidade. Entrando-se porém o vestibulo, que aliás foi reformado, alterado e modificado ultimamente, sobe-se ao andar nobre por uma bella escada, ainda que de degraus um pouco altos, e portanto de declive não macio de mais. O interior corresponde ao exterior, não apresentando sala alguma que se possa dizer vasta.

Para uma familia como a do marquez seria, certo, uma vivenda commoda, á qual devia acrescentar grande belleza a sua posição sobre o Tejo, n'um dos pontos mais elevados e proximos da sua margem, gosando-se das suas janellas posteriores, e por ventura de eirado que talvez depois se construísse, uma vista soberba e deslumbrante, que só nós não sabemos gosar, por muito habituados a ella, mas que todos os estrangeiros invejam e admiram como sem rival na Europa.

O palacio já dissemos em outro artigo precedente que fôra allugado ao actual sr. marquez de Pombal por 30 annos, mediante uma renda que soffre alguma alteração annualmente, mas cujo termo medio é de tres contos de réis, podendo o governo comprar o dentro d'esse periodo por oitenta contos de réis. Resaremos porém a quantos santos ha para que tal não faça, e impetramos até para isso a intercessão dos mais da devoção do sr. marquez.

Como dissemos as salas não são grandes, e a luz é má para o fim a que se destina o palacio. Nas poucas occasiões que alli temos ido, temo-nos visto embaraçados ás vezes para procurar posição de bem podermos ver alguns objectos expostos. A sua proximidade do mar, a falta de ventillação apropriada e naturalmente a falta de impermeabilidade das suas paredes do lado de traz, devem trazer graves danos aos objectos alli conservados, quando esses objectos sejam da natureza de poderem soffrer alterações de agentes externos, como quadros, madeiras, artefactos de seda e lã etc. Havendo agora um terreno vasto, desembaraçado e perfeitamente isento de taes inconvenientes, como o novo bairro entre o Salitre e Santa Martha, e ficando esse bairro n'um ponto muito central da cidade, parece-nos que se não deve deixar perder occasião tão opportuna para dotar a cidade com os estabelecimentos indis-

pensaveis, mas feitos desde a raiz, com o intuito da sua destinação. Se não se cuidar n'isso, se não se aproveitar o ensejo, continuará o paiz a gastar muito e mal.

Para se adaptar o palacio do sr. marquez ao fim, para que hoje se destina, fizeram-se como dissemos grandes alterações e obras indispensaveis, as quaes nos asseguram terem excedido a verba de quarenta contos.

Por emquanto ainda não temos os dados fixos e positivos para ir acompanhado o nosso trabalho com a historia economica da *Exposição*, como fizeram os italianos com a sua *Exposição* de Milão.

IV

Começamos a nossa reprodução de alguns objectos que se observam na *Exposição retrospectiva de arte ornamental*, pelo relicario ou tryptico pertencente outr'ora ao convento de *Nossa Senhora das Reliquias* da Villa da Vidigueira, não porque seja o mais importante, nem o mais curioso dos objectos expostos, mas pela simples razão de já termos a gravura ha tempos feita, e não publicada, por falta de opportunidade.

O motivo porque tinhamos já prompto este trabalho, era a errada classificação que em tempos se havia dado ao tryptico, como tendo pertencido ao grande D. Vasco da Gama, e sido por elle doado ao referido convento, achando-se por essa maneira conhecido nas collecções photographicas estrangeiras, julgando por isso conveniente restabelecer a verdade n'este assumpto.

O tryptico ou relicario em questão foi trazido da India, e é talvez devido a essa circumstancia que aquella tradição se propagou, mas quem o trouxe e doou ao convento foi o padre André Coutinho, cujos restos n'elle repousam como dissemos a pag. 103 do nosso III volume.

André Coutinho, fidalgo da casa real, foi para a India novo, onde travou relações de estreita amizade e camaradagem com D. Miguel da Gama, filho de D. Francisco da Gama, 2.^o conde da Vidigueira, e portanto neto do grande Almirante. As armas que exercitavam nobremente, não lhes obstou a que alcançassem grosso cabedal, posto que segundo o testemunho de Diogo do Couto, proporcionando-se a D. Miguel occasião de fazer de Goa uma nova viagem a Malaca, preferiu abandonar os lucros que d'ella lhe poderiam provir, e voltar ao reino em 1582 na sua nau *Reliquias*, na qual trouxe consigo o seu antigo companheiro.

André Coutinho, havia tomado ordens sacras, e fora o primeiro sacerdote ordenado pelo bispo das partes da China, D. Leonardo de Sá, que lhe passou um attestado, pelo qual certificava que os bens por elle possuidos tinham sido adquiridos legalmente.

Chegando ao reino, ainda que André Coutinho fosse natural do Porto, resolveu ir viver na Vidigueira, e ambos despenderam grandes sommas no novo templo da Senhora das Reliquias, no qual André Coutinho levantou para si uma capella, onde jaz e para onde mandou trasladar os ossos de sua mãe Margarida Rodrigues de Magalhães. Falleceu o padre a 17 de de fevereiro de 1597, tendo andado trinta e oito annos no Oriente.

O precioso artefacto dado pelo Padre André Coutinho ao convento de Nossa Senhora das Reliquias, e hoje possuido pela Academia das Bellas Artes de Lisboa, é por uns chamado relicario, por outros custodia. Tem de altura total 66 centímetros, sendo 12 para o pé, que é de prata, 36 para o corpo do relicario e 18 para o coroamento. É de madeira da India por fóra, é forrado de veludo verde com pregadura de prata, tendo ao meio de cada peça uma medalha de pintura encaixilhada em guarnição de prata, representando as quatro do corpo o Nascimento de Christo, mysterio da Encarnação, Christo resuscitado, e coroado de Espinhos; no alto ha outra representando a Senhora do Populo com o menino nos braços. Abertas as portas, apparecem as figuras em lamina de prata batida, assentes sobre rede de ouro, a qual reveste todo o interior, tendo á direita São Pedro, a da esquerda São Paulo. Ao fundo ha uma imagem de Jesus, de ouro, posta em uma cruz de calambuco cheiros sobre um calvario de prata e laçada de duas outras figuras, havendo outras nas paredes dos lados. Pelo corpo da cruz, calvario e paredes do relicario e suas portas estão, ou estavam incluidas reliquias de muitos santos, em numero superior a sessenta, muitas das quaes ainda conservam os letreiros e foram autenticadas a 3o de julho de 1604 na presença de D. Alexandre, arcebispo d'Evora.

Nas *Memórias Historicadas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo* do P.^o frei Mam de Sá, de pag. 227 do 1.^o vol. em diante, e na *Chronica das Carmelitas* por frey José Pereira de Santa Anna desde pag. 307 do 2.^o vol. encontra o leitor curioso mais larga informação a este respeito, tendo que descontar alguma coisa nas exagerações dos chronistas, e completará occularmente o seu estudo, examinando o relicario na sala N da Exposição na Vitrina L onde tem o n.^o 309. Junto d'elle ha outros objectos de procedencia indiana, que podem servir de comparação.

(Continúa)

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

JOÃO GUALBERTO DE BARROS E CUNHA

O estadista, que expirou ha tres ou quatro semanas em Runa, no dia em que se festejava em Lisboa a vinda do rei de Hespanha, e cujo nome foi um dos que mais excitaram as paixões politicas do nosso paiz, foi incontestavelmente um homem de trabalho e de estudo, e essa homenagem não podem negar-lh'a, nem os que mais vivamente o combateram.

Estreara-se na litteratura escrevendo versos, na realidade mediocres; foi depois secretario do marquez de Loulé, e na guerra civil de 1846 combateu nas fileiras das tropas populares. Eleito deputado, enfileirou-se nas hostes progressistas, e foi um dos campeões mais energicos d'esse partido. A sua voz, vibrante e cortante, a sua grande verbosidade, davam-lhe, nas luctas do parlamento, uma vantagem sobre muitos dos seus adversarios, com quem travou frequentemente duellos mortaes, porque a sua palavra, incisiva e violenta, accendia muitas vezes a paixão politica nos mais placidos debates. Em 1877 entrou no ministerio do marquez d'Avila, e foi um dos ministros mais vivamente atacados pela opposição. Geria n'essa epoca a pasta das obras publicas.

Saindo do poder em 1878, continuou a militar nas fileiras do partido avilista, mas afastou-se um pouco das luctas politicas activas. A sua ultima campanha parlamentar e extra-parlamentar, foi a campanha a que deu origem o tratado de Lourenço Marques, que elle atacou vivamente apesar do seu conhecido inglezismo.

N'estas ultimas eleições foi vencido pelo sr. Elias Garcia. Fora para Coimbra, vigiar de perto a educação de seus filhos, e estava, parece, que de passagem na sua propriedade de Runa, quando a morte o surpreendeu.

Barros e Cunha deixou poucas obras impressas. Citaremos as que nos occorrem agora: *Historia da liberdade em Portugal*, de que saiu apenas o primeiro volume, e o *Relatorio do ministerio das obras publicas*, que publicou já depois de ter saído do ministerio, e que encerra grande numero de documentos importantissimos.

A PYRAMIDE DE MEYDOOM

A 13 de dezembro do anno findo descobria o professor Maspero, no Egypto, proximo da aldeia de Meydoom o cume de uma pyramide, até então desconhecida.

A pyramide, a aldeia e a necropole de Meydoom estão situadas entre trinta e cinco a quarenta milhas inglezas ao sul do Cairo, na margem occidental do Nilo, cerca de quatro milhas distante da ribeira. A aldeia em sitio elevado, consta de um grande montão de ruínas de antiguidade desconhecida, occupando o logar da antiga cidade Metun, cujo nome conserva.

Acha-se mencionada esta cidade em varias inscrições da terceira dynastia, e a pyramide que presentemente attrahe a attenção e estudos dos viajantes e archeologos, e a nossa estampa representa, suppõe-se ser o sepulchro de Seneferoo, ultimo rei d'aquella dynastia, o qual precedeu immediatamente Koofao (Cheops), primeiro da quarta. Os arredores abundam em tumulos da terceira dynastia, dos quaes os ultimos pertencem principalmente á familia real e nobres da corte de Seneferoo.

A pyramide occupa situação elevada, no meio de uma planicie deserta, desenhando-se com solitaria tristeza junto ao pôr do sol, quando se enxerga do rio, e levantando-se com magestosa

e singular apparencia. É construida em tres andares sobre-postos, diminuindo cada um de area sobre o inferior, similhando tres troncos de pyramides uns sobre os outros. A sua inclinação é de 74^o,10', erguendo-se cerca de trinta e tres metros acima do cabeço sobre que parece ter sido levantada. O andar ou corpo inferior mede proximamente dezoito metros, d'altura immediatamente superior cerca de cinco e meio, e o mais elevado perto de sete metros. O revestimento, é feito de calcareo de Mokattam, admiravelmente junto e polido. De feito é este o trabalho externamente mais perfeito que se encontra entre as pyramides.

Havia-se julgado que a pyramide não tinha abertura alguma, mas o sr. Maspero tendo feito praticar um corte vertical na parte norte do cabeço, provou que ella se levanta directamente da planicie, que o cabeço é formado por um acervo de saibro e destroços, provavelmente amontoados pelo fim do periodo conhecido do Novo Imperio. No centro exactamente da face do norte, perto de vinte metros acima da planicie encontrou-se uma abertura de perto de 1^m,60 de largo, de onde por uma passagem de eguaes dimensões se desce por uma rapida inclinação para alguns pontos ainda não reconhecidos, havendo já sido explorada até á distancia de quarenta metros. Nos primeiros dez metros é revestida de magnifica cantaria; d'ahi entranha-se no coração da rocha, tornando-se então como que um poço ou galeria inclinada com o mesmo angulo e das mesmas dimensões. A pyramide está effectivamente edificada sobre uma rocha natural, em cujo seio se presume existir a crypta ou camara sepulchral, que é natural seja brevemente descoberta. A pequena distancia da entrada houve outr'ora uma lage de vedação, cujo logar está perfeitamente marcado, e que deve ter sido destruida ha longuissimo tempo. É evidente que a pyramide foi violada e aberta aos curiosos pelo principio do periodo da vigessima dynastia, porisso que no logar onde, esteve a lage se encontraram tres *grafites* ou inscrições de caracteres hyeraticos, escriptas por visitantes d'aquelles tempo.

É notavel a rapidez que o professor Maspero tem posto n'estas explorações e a felicidade que tem coroados os seus esforços, havendo começado o trabalho pela ultima semana de novembro. É grande a fadiga especialmente devida á falta de ar e luz, e ao calor suffocante que se soffre no interior da pyramide; os trabalhadores não podem estar alli por mais de uma hora, perdendo ás vezes durante esse tempo os sentidos, sendo necessario transportal-os para fora afim de os recobramos.

Espera-se encontrar na camara sepulchral inscrições hyeroglyphicas da maior importancia archeologica, apesar das muitas riquezas que devem ter sido roubadas, quando a pyramide foi primeiramente aberta.

O reinado de Seneferoo é collocado por alguns entre estes limites 4235-3766 annos antes do Christo.

Eis o que podemos respigar nas publicações estrangeiras a respeito d'este notavel descobrimento.

SALÃO DE QUADROS

II

Não posso deter-me a analysar minuciosamente os setenta e tres quadros apresentados n'este bello Salão, porque disponho apenas do espaço necessario para tratar ligeiramente das obras que o OCCIDENTE escolheu para illustrar as suas paginas com a reproducção fiel d'ellas. Faço, porém, notar que algumas d'estas preferidas não pertencem áquelle numero primitivo, mas sim a um valente reforço de mais oito quadros excellentes, que nos ultimos dias appareceram na exposição, — a qual se encerrou, sob uma grande felicidade de vendas notaveis, no dia 31 de janeiro.

É de rigorosa justiça começar pelos trabalhos primorosos do sr. Silva Porto, o artista superior sem cuja influencia indiscutivel esta exposição não teria sido realisada. Procurando, forçadamente, reduzir a poucas palavras a minha simples opinião sobre o modo de ser artistico de Silva Porto, já disse n'outra parte — que a sua grande superioridade está em que nas suas telas a natureza palpita, com toda a força da realidade exactamente observada, e no modo porque elle sabe achar todos os tons sempre justos, pre-

cisos e espontaneos, d'uma felicidade maravilhosa que revela poderosamente em Silva Porto um temperamento artistico dos mais bem organisados, e dos não menos bem educados. Os seus quadros, onde uma mancha qualquer é um detalhe precioso, são todos d'um effeito dominador, que impressiona vivamente, porque se reconhecem alli, n'aquelle empastamento simples e franco de tintas emmaranhadas, grandes pedaços arrancados brilhantemente á natureza.

E é isto o que facilmente se pode observar até no mais descuidado dos seus estudos. Na *Paisagem do Minho*, quadro extremamente pittoresco (n.^o 52 do catalogo illustrado), qualquer que tenha visto uma só vez aquella provincia encantadora, reconhece logo um bocado bem verdadeiramente minhoto. E tambem uma das qualidades brilhantes de Silva Porto, — saber dar irreprehensivelmente a côr local. N'este quadro, d'uma execução difficilissima porque todo elle é uma composição enorme e unisona de tons verdes, revêla o artista mais uma vez toda a força do seu talento e da sua observação; o modo porque elle soube ir graduando, desde o primeiro ao ultimo plano, todas as tonalidades confusas d'aquella verdura immensa das frescas relvas de setembro, onde ainda se alastram manchas d'um verde tristonho d'oliveiras, é admiravel e espantoso. No primeiro plano, á direita, ha um riacho estreito e pobre, cujas aguas esverdeadas de limos, são d'uma transparencia e d'uma verdade inexcelsivelmente perfeitas; e sobre um grande soclo elevado que sobe á direita do riacho, vê-se uma ramada, salpicada de parras seccas, a qual é tambem d'uma execução felicissima. Já se não pôde dizer o mesmo d'um grande grupo arredondado de salgueiros, que se alarga immediatamente para lá da ramada.

A rapariga que á margem do riacho fia socegradamente na sua rôca, guardando uma junta de bois, é no meio da paisagem verdejante uma nota alegre e viva, com o seu trajo garrido do sitio, rico de côres vermelhas; mas os bois, ainda que perfeitamente apontados, destacam muito pouco. Quadro d'um conjunto esplendido, debaixo da vastidão da sua bella atmosphaera azul!

Attráe-me fortemente o quadro do mesmo artista, *Bairro dos Pescadores*, Povoa de Varzim (n.^o 53). É porque conheço perfeitamente a rua que elle representa, habitada por pescadores pobres, e tendo a um lado grandes muros onde se estendem pesadamente longos mastros negros, pranchas, vergas, que vão sendo utilizados para enxugadouros de enormes rêdes e roupas molhadas. As casas, baixas e irregulares, caídas e pintadas de vermelho, alongam-se desencontradamente, n'uma accidentação pittoresca de telhados, e toda a tela é d'uma perspectiva magnifica. Duas raparigas que conversam sobre o largo caminho, d'um bello tom areento, são d'uma vida exuberante e perfeita; e o delicioso azul do céu, onde ha só umas pequenas nuvens leves, é soberbamente tocado, com uma finura admiravel. A execução d'este quadro, cuja simplicidade captiva, é d'uma espontaneidade rara e surpreendente.

Se não fossem já bem conhecidos outros seus esplendidos quadros de genero, bastaria a cabeça *Costume da campanha romana* (n.^o 60) para, juntamente com outra cabeça nada inferior que expoz, collocar Silva Porto n'um plano elevado e distincto. Muito sympathica, esta pequena rapariga da Campanha romana! E gosta immensamente de garridices vistosas; tem um bello chaile, original, extravagante, todo coberto de arabescos amarelos, escarlates e verdes; tem ao pescoço uma fieira simples de contas multicores, e grandes argolas nas orelhas; e usa na cabeça, sobre o seu magnifico cabelo negro, o arranjo espectacular d'um largo panno branco, que depois cae espalhadamente para as costas. Decerto, a sua cara bonita e petulante merece bem estes adornos, ao mesmo tempo tão modestos e gastos! Mas Silva Porto pintou esta cabeça com uma perfeição amavel, dando á carita um tom delicioso e fino, e tocando tudo com uma frescura encantadora.

O *Grande canal*, Veneza, (n.^o 63) é um quadrinho admiravel de côr. Uma pittoresca gondola preta vae cortando as aguas ondulantes e muito bem tocadas; e a todo o fundo da pequena tela ergue-se um palacio enorme, faiscante de cal sob os golpes d'um sol forte, e com janelas e varandins todos alegremente pintados de azul, amarelo, verde, e vermelho. Por cima, vê-se uma tira de azul veneziano, puro e intenso, — d'aquelle azul tão amado de Veronese, segundo entusiasticamente diz Theophilo Gautier.

Têm de confessar que fecho com uma erudição toda luminosa.

Monteiro Ramalho.

CANONISAÇÃO

DE

QUATRO NOVOS SANTOS

II

Resta dar alguns traços biographicos dos canonisados.

Clara da Cruz, nasceu em Montefalco, na Umbria, no anno de 1268. Este paiz sobre as montanhas que dominam Foligno, é uma parte da Umbria verdejante e serena que inspira tranquillidade no animo e por isso tem sido cantado por tantos poetas. O seu aspecto ainda hoje não deve ser muito differente do que era no tempo de Clara. As almas alli ainda são simples e serenas como quando vivia Clara, e por isso quando esta, muito joven, se recolheu a um pequeno eremiterio, viu-se em breve cercada de grande quantidade de imitadoras, que não cabiam no estreito cenobio. Um piedoso bispo erigiu n'elle um mosteiro e Clara foi d'elle eleita abbadessa aos 23 annos, seguindo a regra de Santo Agostinho. A fama de suas virtudes rompeu o silencio das suas montanhas e veiu espalhar-se pelo mundo. Falleceu aos 50 annos a 17 de agosto de 1308, conservando-se ainda, segundo se affirma, o seu corpo incorrupto e flexivel no referido mosteiro.

Lourenço de Brindis, ao contrario de Clara, teve uma vida agitada e muito varia. Nasceu a 22 de julho de 1559, n'aquella cidade, pertencendo a um ramo da familia Rossi,



BENTO DA FRANÇA PINTO D'OLIVEIRA — NOVO GOVERNADOR DE TIMOR
(Segundo uma photographia de Fonseca)

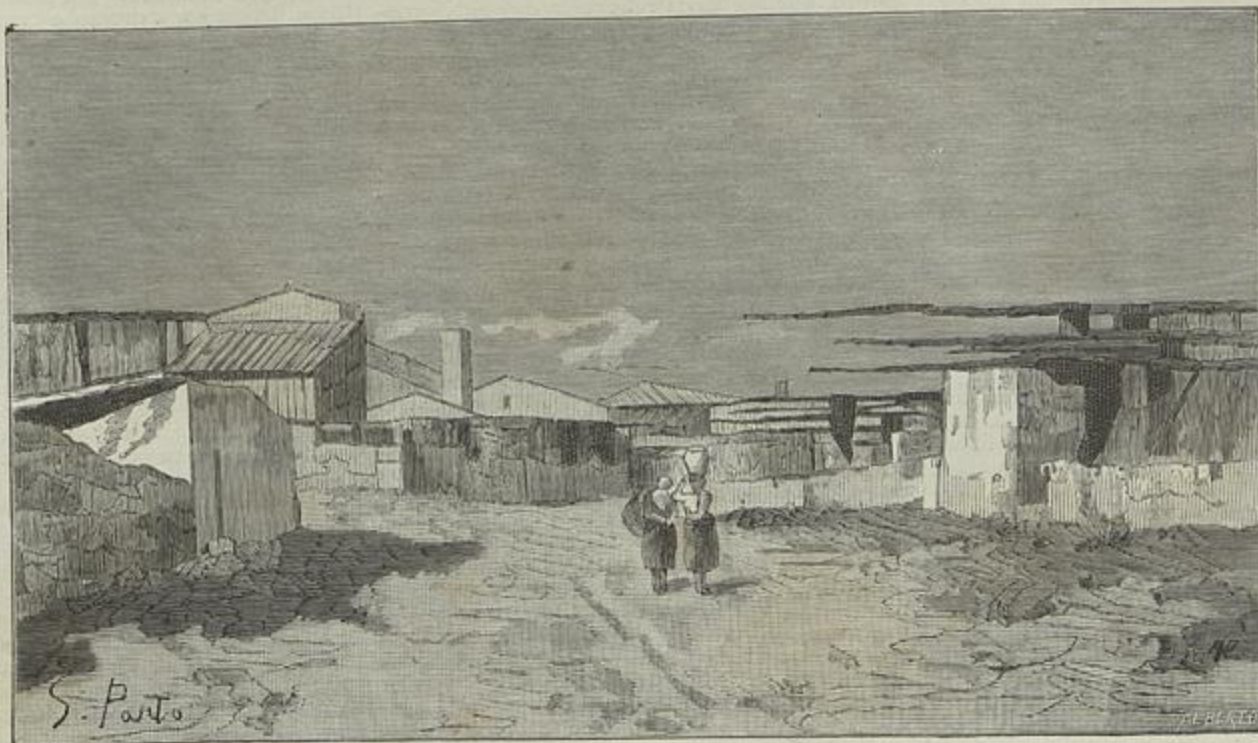
chamado no seculo Julio Cesar de Rossi. Em 1575 entrou nos capuchos de Verona, e estudou em Padua. Tal fama adquirira desde logo como pregador, que foi por Clemente VIII chamado a Roma, para converter os israelitas.

Tinha o verdadeiro dom da palavra. Mandado fundar um instituto da sua ordem na Bohemia, em breve se viu enviado como legado do imperador Rodolpho para pedir auxilio aos principes christãos contra os turcos, e foi legado *a latere* junto ao archiduque Maximiliano, generalissimo do exercito imperial que duas vezes bateu os turcos proximo a Vienna. Affirma um biographo que Lourenço não só pregava e exortava, mas montando a cavallo dava como exemplo o melhor dos incitamentos. Nomeado depois disto geral das ordens mendicantes, visitou todos os conventos do Milanez, da Flandres, da França, da Allemanha e da Hespanha. Passado algum tempo foi encarregado de uma missão diplomatica junto de Filippe III de Hespanha e II de Portugal, para o convidar a entrar na liga catholica contra Henrique IV de França antes da conversão d'este. Em Madrid foi nuncio residente do papa. Voltando a Roma, passou algum tempo em Genova, d'onde partiu para novas missões diplomaticas podendo congratuar o rei de Hespanha com o duque de Saboya, e o eleitor da Baviera com o arcebispo principe de Salisburgo. Enviado a Napoles foi arbitro entre os *sediles* da cidade e o governador hespanhol duque d'Ossuna. Continuando porém as prepotencias d'este, partiu para



VISTA EXTERIOR DO MUSEU NACIONAL DE BELLAS ARTES — PALACIO DA EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE ORNAMENTAL EM LISBOA
(Desenho do natural por J. Christino)

SALÃO DE QUADROS



BAIRRO DE PESCADORES NA POVOA DE VARZIM — Quadro de Silva Porto comprado pelo sr. Almeida Santos
(Desenho do mesmo auctor)

Hespanha afim de pedir a sua destituição, e seguindo a Portugal, onde então se achava Filipe III, falleceu em Belem a 22 de julho de 1619, no mesmo dia em que cumpria 60 annos, depois de ter conseguido o que pedia, vindo o duque de Ossuna preso para o castello d'Alameda, onde falleceu.

João Baptista de Rossi nasceu em Vallaggio na Liguria, em 1698, de familia distincta. Creado de pequeno pela marquezia Cambiasso, que o fez educar em Genova como filho, foi por ella enviado a Roma para o collegio romano. Em 1721 foi ordenado presbytero; fazendo voto de não accellar beneficio algum. João Baptista dedicou toda a sua vida a confortar e tratar os doentes nos hospitaes, a consolar e auxiliar os pobres, a converter um povo quasi selvagem de lavradores, guardas de gado, mulheres de má vida que estanciavam pelo Campo Vaccino; por isso quando falleceu de apoplexia, a 23 de maio de 1762, depois de perto de 40 annos de uma vida dedicada ao bem do proximo, foi a sua morte sentida em Roma por todas as classes.

Bento José Labre nasceu em Amiettes, França a 26 de março de 1748, sendo o mais novo de 15 irmãos. Breve deu mostras de desprezo pelas riquezas e honras. Preferiu ser clérigo, praticou as obras de caridade, peregrinando pela Italia, Austria, Hespanha e França, mostrando sempre o mesmo desprezo pelo seu acção, sustento e conforto pessoal, habitando nos logares mais desabrigados e immundos. Finalmente acabou os seus dias aos 35 annos, havendo caído poucos dias antes desfalecido nas escadas de uma egreja, a 16 de abril de 1783.

R.

O CORAÇÃO REVELADOR

(CONTO DE EDGAR POE)

Vá a verdade! — sou muito nervoso, extraordinariamente

te nervoso, — sempre o fui. Não estou doudo, não, como imaginam. A doença apurou-me os sentidos, — não os arruinou — não os embotou. Principalmente, tinha o ouvido finissimo. Ouvia tudo que se passava no céu e na terra, e, do inferno, poucas cousas, talvez, me escaparam. Isto

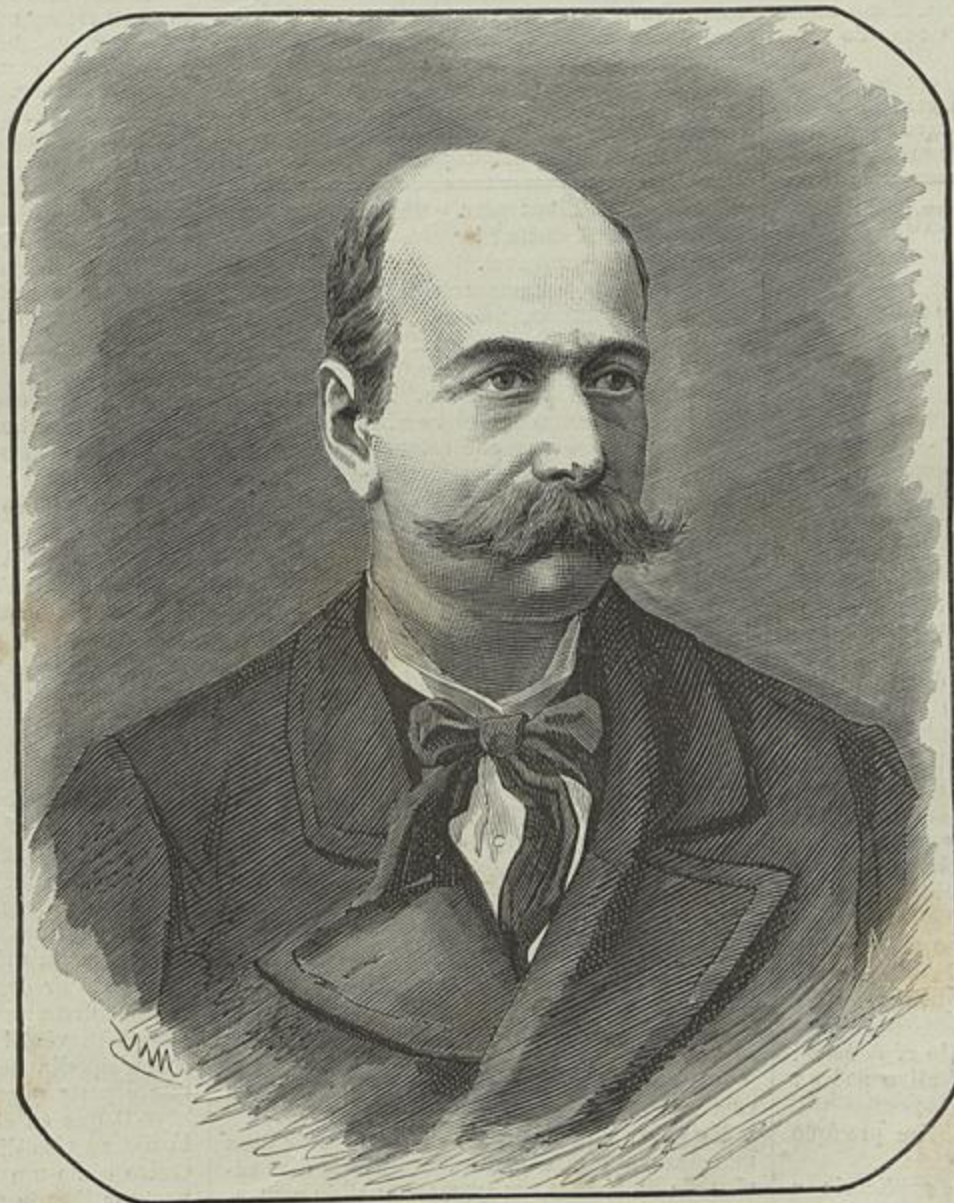
será de doudo? — Ouçam e admirem o vigor e serenidade com que lhes passo a contar a minha historia.

Como a idéa me entrou no cerebro, não o posso dizer; mas, uma vez allí, nunca mais deixou de me perseguir, quer de dia, quer de noite.

E, francamente, da minha parte, não havia calculo nem paixão. Eu gostava do pobre velho; nunca me tinha feito mal; nunca me tinha offendido; não lhe cobiçava o dinheiro... O olho! um dos olhos d'elle é que me dava que fazer! Parecia mesmo um olho de abutre... um olho azul desmaiado, com uma belida... Sempre que aquelle olho se cravava em mim, todo o sangue se me gelava... Assim, lenta e gradualmente, foi-se-me mettendo na cabeça dar cabo do velho, para, de vez, me livrar de tão fatal impressão.

E chamam-me doudo!... Os doudos não sabem o que fazem.

Mas se observassem! se vissem como eu puz hombros á empreza!... como fui precavido, cauteloso, dissimulado!... Nunca mostrara tanta amabilidade ao velho, como durante a semana que precedeu o assassinio. E todas as noites, ao baterem as doze, aproximava-me da porta nos bicos dos pés, levantava, muito de vagar, o fecho, e a pouco e pouco, ia-a abrindo, abrindo, muito ás surdas, muito de mansinho!... E logo que havia espaço sufficiente, introduzia uma lanterna de furtafogo, bem fechada, muito bem fechada, de modo que não podesse sair o mais imperceptivel raio de luz; e depois mettia a cabeça... Rir-se-hiam, se vissem a subtilidade com que eu fazia esta operação, a certeza dos movimentos, a fim, claro é, de não quebrar o somno do velho. Não gastava menos de uma hora, para me collocar de maneira que o podesse ver deitado na cama. Um doudo seria tão prudente? — Então abria a lanterna...



JOÃO GUALBERTO DE BARROS E CUNHA — Fallecido em 10 de Janeiro de 1882
(Segundo uma photographia)

mas com que cautela!... com que cuidado!... com que precaução!... porque o gonzo rangia... Abria apenas o necessario para que um fio de luz caisse sobre o olho de abutre. E por sete noites seguidas — sempre á mesma hora, á meia noite em ponto — eu tive este trabalho: mas em vão; o maldito olho nunca se abria... e todo o meu fito era vel-o aberto, porque só assim poderia completar a minha obra; o velho, coitado, não me affligia.

Todas as manhãs, porém, logo que rompia o sol, entrava eu resolutamente no seu quarto, e fallava-lhe com todo o desembaraço, chamando-o pelo seu nome, com um modo muito affectuoso, e perguntando-lhe como tinha passado a noite. Ora, d'este modo, o velho seria de uma perspicacia sobrehumana se suspeitasse que eu, todas as noites, a uma hora certa, o ia surprender durante o somno.

Na oitava noite, fui ainda mais cauteloso no abrir da porta. O ponteiro dos minutos de um relógio move-se mais depressa do que a minha mão se movia n'aquelle acto. Nunca até então conhecera tão distinctamente o alcance das minhas facultades, da minha sagacidade. Custava-me a conter o enthusiasmo, a alegria despertada pela aproximação do triumpho. Pensar eu que estava, alli, abrindo a porta, pouco a pouco, e que elle nem em sonhos desconfiava das minhas intenções, dos meus designios secretos!... Não pude reprimir uma risada. Elle talvez me ouviu; porque logo fez um movimento, como se acordasse.

Julgam, provavelmente, que me retirei... Enganam-se. O quarto estava escuro como um prego, — porque as janelas haviam sido fechadas cuidadosamente, com receio dos ladrões, — e tendo eu a certeza de que elle me não podia ver, continuei a empurrar a mais, cada vez mais.

Tinha já mettido a cabeça; ia para abrir a lanterna: eis que o pollegar resvala pelo fecho de folha, e o velho se endireita na cama, gritando:

«Quem está ahí?»

Fiquei extático; não articulei palavra. Durante uma hora, não fiz o menor movimento, nem percebi que elle se tornasse a deitar. Permaneceu sentado, á escuta; exactamente como eu fizera noites inteiras, escutando o tic-tac do anóbio na madeira.

De repente ouvi um gemido; era o suspirar de um terror mortal. Não era um gemido de dôr ou de pesar... não! — era o som cavo e profundo que sae de uma alma transida de medo. Eu co-

nhecia bem aquelle ruido. Quantas vezes, a horas mortas da noite, em quanto toda a gente dormia, elle me havia rebentado do peito, penetrando, com o seu ecco terrível, os horrores que me atormentavam. Avaliava de mais quanto o velho sentia. Tinha dó d'elle, embora o riso estivesse no coração. Sabia que, desde o primeiro rumor, o velho não tornara a dormir. Os seus receios tinham ido sempre em augmento. Dilienciara convencer-se de que eram infundados; mas não o conseguira. O homem dissera comsigo: Provavelmente, foi o vento na chaminé, — ou algum rato que atravessou o sobrado, — ou o estridulo de um grillo, quem o sabe?... Sim; com estas supposições, tentou elle tranquillisar-se; mas, baldados esforços; baldados esforços, porque a morte, que se approximava, passara ante elle e envolvera-o na sua negra sombra. E era a influencia d'essa sombra funebre que lhe fazia entrever a minha cabeça, embora elle nada visse nem ouvisse.

Tendo esperado muito tempo, com toda a paciência, sem perceber que o velho se houvesse tornado a deitar, resolvi-me a entreabrir um pouquinho a lanterna... mas, tão pouco, tão pouco, que menos não podesse ser. Comecei, pois, a abri-la — muito de manso, muito de manso, tão imperceptivelmente que fora impossível imaginá-lo — até que, de repente, um raio de luz, pallido como um fio de aranha, penetra pela fenda e vae bater mesmo de chapa no olho de abutre.

Estava aberto, completamente aberto, e eu, apenas dei com a vista n'elle, cahi logo n'um accesso de furor, n'um accesso de colera inexplicavel. Vi-o claramente, distinctissimamente, com o seu azul embaciado, e coberto de um véo medonho, que me gelou até á medulla dos ossos!... mas, não pude distinguir a cara nem o corpo do velho, porque o fio de luz fôra dirigido, como por instincto, directamente ao sitio amaldiçoado.

E agora! eu não lhes dizia que o que tomavam por doudice não era senão hyperagudeza dos sentidos? — Continuemos:

Subito, ouvi um ruido surdo, abafado, frequente, similhante ao que faria um relógio embrulhado em algodão. Reconheci perfeitamente aquelle som: era o bater do coração do velho. Isto augmentou a minha colera, como o rufar do tambor exaspera a coragem do soldado.

Todavia contive-me e permaneci immovel, respirando apenas. Dilienciarei conservar firme a lanterna e o raio de luz sempre na direcção do olho. Entretanto, a palpação infernal do cora-

do occorrido, talvez para o disfructarem, para se rirem á sua custa?!
Era o mais provavel.

Que traição, que maroteira, que desaforo! Nem quiz entrar, não obstante as rogativas do conego que logo se prestou a abrir-lhe a porta.

— Nada, sem incommodo. Eu estou muito bem, estou mesmo muito bem...

Na verdade o que elle estava era damnado, furioso, e soffreava os seus impetos leoninos por conveniências, para não fazer um escandalo.

Com a Joanna é que elle tinha de ajustar contas.

A grandissima da velhaca havia de lh'as pagar.

Então elle era ali algum *painel* de palha, alguma creança a quem metessem o dedo na bocca?

Não, não, e mil vezes não!!!

O caso ainda havia de ser fallado... Olé se havia!

Pois o mostrengo da creada passara-se assim para o inimigo com armas e bagagens?!

Bem dizia a mulher, sim afinal não deixava de ter razão, e pensar com juizo.

Uma traição assim nunca lhe passou pela ideia.

Retirou-se de beicho caído, acabrunhado, e mais triste que um dormedario.

De quando em quando ia á algibeira vêr se lá estava o testamento, e dizia comsigo:

— Se a velhaca me roeu a corda, eu dou-lhe com elle na cara.

E agitava a dextra em que apertava, de uma maneira nervosa e comica, as ultimas disposições de D. Monica, as quaes, afinal de contas, eram exactamente como as ultimas funcções nos theatros da feira, que se repetem sempre até deixar de haver publico.

ção cada vez se tornava mais forte, mais accelerada, e, de momento para momento, mais estrondosa. Devia ser extremo o terror do velho. Esta palpação, disse eu comigo, augmenta de minuto para minuto. — Comprehendem-me? Já lhes disse que sou muito nervoso. Portanto, aquelle ruido tão singular, a horas mortas da noite e no meio do silencio profundissimo que reinava na velha habitação, não podia deixar de produzir em meu animo um effeito horrivel. De facto, o meu terror era extremo. Não obstante, ainda me pude reprimir por alguns minutos. Mas as palpações redobravam de força. Parecia que o coração estava prestes a rebentar. E eis que uma nova angustia se apodera de mim; aquelle barulho podia ser ouvido por algum visinho! A hora do velho havia soado! Dei um berro, abri rapidamente a lanterna, e precipitei-me no quarto. O velho não soltou um grito, um só que fosse. N'um momento arrojé-o ao chão e carreguei sobre elle com todo o peso da cama. Sorri então de contentamento por ver a minha obra tão adiantada. O coração continuou a bater, é verdade, por alguns minutos, com um som abafado, mas isto já me não atormentou, porque o ruido não podia passar além das paredes. Cessou, enfim. O velho tinha morrido. Levantei a cama e examinei o corpo: estava rígido e inerte. Puz-lhe a mão sobre o coração, e assim a conservei por algum tempo: nenhuma pulsação. Estava bem morto. O seu olho maldito nunca mais me affligiria.

Se persistem em me julgar louco, essa crença, certo, desvanecer-se ha logo que eu lhes conte os meios engenhosos que empreguei para esconder o cadaver. A noite adiantava-se, e eu trabalhava activamente, mas em silencio. Primeiro cortei-lhe a cabeça, depois os braços e por ultimo as pernas. Em seguida arranquei tres taboas do sobrado, e depesitei os restos entre o forro, tornando a pregar as taboas, tão habilmente, e tão dextramente, que nenhum olho humano — nem mesmo o *d'elle!* — podesse descobrir o mais leve indício. Nada tinha que limpar, — nem uma mancha — nem uma nodosa de sangue. Se eu tinha andado tão cautelosamente, pondo uma celha para aparar todo o sangue... Ah! Ah! Ah!

Eram quatro horas, quando conclui os meus trabalhos; mas estava tão escuro como á meia noite. N'isto, bateram á porta da rua. Corri a abrir, com o coração sereno, porque — o que tinha eu que receiar? — Entraram tres homens, que se me deram a conhecer como agentes de policia. — Um visinho ouvira um grito de noite e, suspeitando alguma desgraça, dera parte á au-

Ora o publico, no caso de D. Monica, eram os candidatos á herança d'ella, e o espectaculo no mesmo caso sujeito, a posse do seu testamento.

E' escusado dizer que tinha sempre a casa cheia, e nunca fechou a porta por falta de concorrencia

Feliz emprezaria!

Viu a mulher entrar Antonio Dourado com aquelles modos bruscos, e a fallar sósinho, muito enfiado e como se estivesse com a pedra no sapato, logo suspeitou que tinha havido coisa.

— Olha lá, Antonio, como vae a visinha?

— Vae mal, d'esta vez não dou nada por ella.

— Então o que teve?

— Eu sei lá o que teve, respondeu elle sacudidamente.

E accrescentou voltando as costas á sua metade, á filha da sua costella, portanto ao osso do seu osso e á carne da sua carne.

— Tu não tens boca? vae lá perguntal-o.

— Que duvida, se lá não estivesse a lambisgoia da creada.

Antonio Dourado não pôde conter-se, que não dissesse:

— E o conego, mulher, o conego! Tambem lá está o usurario do padre.

Ella poz a mão na cintura, fitou o marido com certo ar de superioridade, e meneando a cabeça, disse:

— Vê, vê?! Eu bem dizia que não te fiassees n'aquella velhaca. Chora agora na cama que é parte quente.

— O que eu choro é na algibeira, que anda lá o meu rico dinheiro a arder, berrou o mercceiro como um pocco, mas não de m'as pagar que lhes juro eu, disse, ferrando tres murros sobre a meza.

A mulher toda encanzinada ainda mais o acirrou, repetindo com gestos d'ira:

SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 112)

Mas este spectaculo da morte longe de infundir respeito aos vivos, parece que mais lhe exacerbava a indole maliciosa, e irritava a bilis.

Joanna e Antonio por pouco que se não socaram ali mesmo.

Ameaças, trocaram as mais grosseiras, insultos, dirigiram-se os mais torpes.

Antonio Dourado chegou a chamar ladrá á sr.^a Joanna.

A final saíram ao mesmo tempo indo cada qual para seu lado, tão desorientados de cabeça, que deixaram a porta aberta, e a doente abandonada.

O mercceiro foi a casa mudar de fato, isto é, vestir-se como convinha, a fim de pela sua parte ir dar as voltas precisas.

Quando voltou a casa de D. Monica, munido do testamento, e prompto para o que dêsse e viesse, já lá achou o conego Salgado que lhe veio abrir a porta, muito lampeiro, em chinelas e de barretinho preto de algodão, na cabeça.

Não ha phrases que dêem ideia perfeita da situação

O sr. Antonio embatucou, e o conego deitando-lhe atravéz das grades da cancella os seus olhinhos de rato, perguntou-lhe:

— Quem procura o senhor?

Elle respondeu que era o visinho cá de baixo. Mas como demonio estava já ali o padre? Era espantoso!

Trazel-o-hia a Joanna na algibeira prompto para a primeira occasião?

Só d'este modo fabuloso se explicaria o facto.

Querem vêr que o patife já lá estava quando lhe fôram a elle, Antonio Dourado, dar parte

toridade competente — e aquelles tres senhores haviam sido mandados para se informarem do caso.

Eu sorri-me porque — que podia eu temer? — Saudei os cavalheiros e disse-lhes que o grito fôra dado por mim em sonhos. O velho, accrescentei eu, anda viajando. — Percorri com elles todas as casas, e pedi-lhes que examinassem tudo bem. Por ultimo, entrei no quarto d'elle, e mostrei que os seus thesouros estavam em boa ordem e segurança. Enthusiasmados com a minha confiança, levei cadeiras para alli e convidei os dignos officiaes a descançar das suas fadigas, ao mesmo tempo que eu, com a louca audacia de um triumpho completo, colloquei a minha cadeira mesmo em cima do logar onde estava escondido o corpo da minha victima.

Os homens mostravam-se satisfeitos. A minha tranquillidade havia dissipado toda e qualquer suspeita. Achava-me perfeitamente á vontade. Sentaram-se, pois, e começaram a fallar muito familiarmente, alternando eu com a mesma familiaridade. Mas, passado pouco tempo conheci que me tornava pallido, e principiei a sentir desejos de que elles se retirassem Doia-me a cabeça e parecia-me que os ouvidos me zuniam; mas, os policiaes continuavam sentados e fallando sempre. O zunido foi-se tornando mais distincto: e, d'ahi a pouco, muitissimo mais perceptivel. Ani-me desesperadamente a palestra; fallei quanto pude para me desembaraçar d'aquelle impressão; mas, o ruido, tão claro e determinado se manifestou que, por fim, convenci-me de que não estava nos meus ouvidos.

Sem duvida, que me devia tornar extremamente pallido; mas, continuei a fallar ainda com mais rapidez, e levantando cada vez mais a voz. Todavia, o som augmentava, que podia eu fazer? Era um ruido surdo, abafado, frequente, semelhante ao que faria um relógio embrulhado em algodão. Respirava a custo; os agentes ainda não tinham dado pelo phenomeno. Acalorei mais a conversação, fallei com mais vehemencia; mas o ruido crescia incessantemente. Levantei-me, disputei sobre inutilidades em voz altissima e com uma gesticulação violenta; e o ruido crescia, crescia regularmente. — Porque não queriam elles sair? Medi o sobrado, a passos largos e pesados, como exasperado pelas observações dos meus contradictores, — e o ruido crescendo, crescendo sempre. Oh! meu Deus! que fazer neste caso? Escumei de raiva, pateei, — pragujei! Arrastei a cadeira, em que eu estava sentado, e fil-a ranger pelo sobrado; mas o som

mysterioso tudo dominava e crescia indefinitamente: mais forte! mais forte! — sempre mais forte! E os homens continuavam a fallar, a agradecer, e sorriam-se. Seria possível que não ouvissem? — Oh! Deus todo poderoso! — Não, não! Elles suspeitavam! — ouviam! — *sabiam!* — estavam-se regosijando com o meu supplicio! — acreditei-o então, e ainda o acredito. Mas, nada mais intoleravel! Eu não podia supportar por mais tempo aquelles sorrisos hypocriptas! — e entretanto, o ruido, ouvem-n'o? — escutem! — mais alto! — *cada vez mais alto!*

•Miseraveis! gritei. Não dissimulem por mais tempo! Confesso o crime! Arranquem essas taboas! Está ahí! está ahí! — são as palpitações do seu terrivel coração!

Francisco de Almeida.

BENTO DA FRANÇA PINTO DE OLIVEIRA

NOVO GOVERNADOR DE TIMOR

O major Bento da França, ultimamente nomeado governador da provincia de Timor, é oriundo de uma familia de militares distinctos pela sua intelligencia e bravura. Seu pae, do mesmo nome foi o primeiro barão, visconde e conde da Fonte Nova, que por muitos annos commandou a 1.ª divisãõ militar, e foi um bravo official, provado nas luctas dos primeiros quarenta annos d'este seculo. Seu avô Luiz Paulino de Oliveira Pinto de França, igualmente distincto como official de cavallaria e poeta elegante, foi aquelle que, em 1808, quando em Coimbra se procedia por ordem de Junot ao desarmamento dos regimentos de cavallaria de Chaves e Almeida, compoz sobre o tumulo de Afonso Henriques em Santa Cruz o famoso soneto, que começa:

*A teus pés fundador da monarchia
Vae ser a lusa gente desarmada...*

Bento da França tendo concluido o curso do Real collegio militar, assentou praça em 1851 no regimento de cavallaria n.º 2 lanceiros da rainha. Em 1853 foi promovido a alferes para ir servir na provincia de Moçambique. Passado ao exercito de Portugal, em 1855 partiu para a India ás ordens do tenente general conde de Torres Novas, governador d'aquelle Estado. Em 1859

Tinha fallado maravilhosamente.

— Lá isso é verdade, mulher, exclamou o sr. Antonio.

Abençoadas quarenta libras que gastara no concerto de uma cabeça, que taes sentenças dava.

Sua mulher estava realmente fallando como um livro.

Assim os dois esposos, achando-se no mais intimo accordo, logo que acabou o jantar foram fazer a toilette de visita para irem a casa de D. Monica.

A mulher do merceiro levava todos os seus ouros e o chaile de touquim que estreirara no seu casamento.

Parecia uma parteira espaventosa em dia de baptisado.

O marido, para não ficar atraz do conego, e para lhe metter ferro, levava tambem umas chinellas mouras.

Foram assim nas melhores disposições, para fazerem da casa de D. Monica, pé de castello. O conego ia vêr com elles uma bruxa.

Tinham-se prevenido como para um longo assedio, até de comestiveis!

Elles não queriam tomar lá nem uma sede de agua.

A gente não sabe quem lhe quer bem, e ha pessoas capazes de tudo, Deus do céu!

— Olha lá se te esquece alguma coisa? ...

— Nada, vae tudo.

— O rôlo de cêra?

— Cá está.

— E as minhas chinellas?

— Cá vão.

Nada faltava.

Quando chegaram ao patim, a mulher do merceiro assoprava, mas não obstante isso, e primeiro que o sr. Antonio batesse á porta, ella perguntou-lhe baixinho:

— Trazes o testamento?

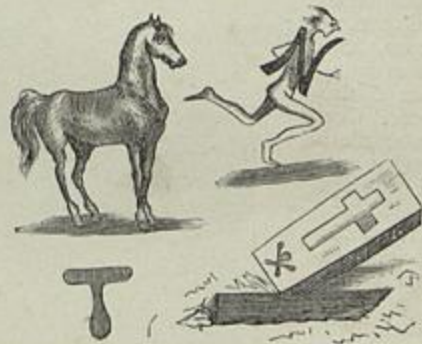
foi transferido para a provincia de Cabo Verde, servindo ahí ás ordens dos governadores visconde de S. Januariario e Sebastião Lopes Calheiros e Menezes ao qual acompanhou na mesma qualidade, quando este foi governar a provincia de Angola. Regressou ao reino em fins de 1862, e depois de ter servido em varios corpos foi chamado em 1865 para as ordens de seu irmão Salvador de Oliveira Pinto da França, quando este foi elevado a ministro da guerra, cargo que occupou pouco tempo, sendo roubado em breve pela morte ao affecto de sua familia e amigos, e ás esperanças que o exercito tinha concebido na sua intelligencia e honradez. No mesmo cargo continuou junto dos ministros Fontes e Magalhães, passando depois a servir em cavallaria n.º 4.

Por occasião da nova reforma do ministerio da guerra em 1869, foi alli collocado como adjunto, onde se conservou até que foi chamado para as ordens do ministro Florencio de Sousa Pinto. Ultimamente fazia parte da commissão de codificação das leis militares. Era capitão muito antigo e o terceiro na escalla para o posto de major.

Não faltam pois ao nomeado, nem a pratica dos negocios publicos, nem o conhecimento das provincias ultramarinas, adquirido em muitos annos do serviço publico em commissões importantes, sendo de esperar que o seu governo seja illustrado e proficuo.

J. B.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Mais apaga boa palavra que caldeirão d'agua.

— Olé!... cá vae!...

— Bem, bem. Olha não o percas, olha não t'o tirem, são capazes de tudo, isto é má gente, cheira-lhes a dinheiro...

— Pudara...

— Bate lá.

E ambos se approximaram da cancella com certo ar de mysterio, abrindo os olhos desmesuradamente, e pondo o ouvido á escuta.

Antonio Dourado bateu de leve, e em quanto a mulher compunha o laço e ageitava as saias, vieram abrir.

Era a Joanna.

— Então como vae a senhora?

— A mesma coisa.

E sem tirar a mão do fecho da cancella, perguntou-lhes entre portas, assim como quem despede hospedes:

— Querem entrar?

Antonio Dourado olhou para a mulher, e a mulher olhou para elle.

— Viu-se já patifaria igual?

— Queremos, sim senhora, responderam os dois a um tempo, de animo resolutos e em voz alta.

Joanna afastou-se para dar passagem ao par, que avançou alguns passos, indo encontrar-se de frente com o conego Salgado, que se dirigia para elles no bico dos pés, pescocõ estendido e dedo no nariz, recommendando silencio.

Era o seguro do reducto.

— Não façam bulha, disse a meia voz.

Os dois perguntaram no mesmo tom:

— Como vae ella?

— Não vae, nem vem: está no mesmo estado.

— Oh!

— Coitadinha! exclamou a mulher do merceiro, eu queria vê-la.

(Continúa.) LETTE BASTOS.

— É bem feito, é muito bem feito

— Não me digas que é bem feito.

Ella voltou-lhe auctoritariamente estas phrasas:

— E' e é.

E ferrou-lhe esta mesmo nas bochechas:

— Não fosses tolo.

E com isto tapou a boca ao sr. Antonio.

E' verdade, ella tinha carradas de razão, e elle havia-se deixado cair pela prenda. Às vezes as mulheres teem mais juizo do que os homens, mais sagacidade, e sobretudo são mais providentes.

Emfim agora era deitar o coração á larga, pôr-se á conta de Deus.

— O que fôr soará, dizia elle, respondendo ás primeiras perguntas que, ácerca do testamento de D. Monica, sua mulher lhe dirigiu, quando estavam a jantar, entre a sopa e o arroz.

— Gosto d'isso!

— Então que queres? Lá é que eu não volto mais a pôr os meus pés. Logo manda-se o marçano saber como está...

— E deixas tudo á revelia, não é assim?

— Ó mulher, pois não vês que está lá o conego?!

— Isso que importa?! Tens medo d'elle?!

— Não! Tenho medo de mim, de mim é que tenho medo, medo de me deitar o perder com elle.

— E' o que digo, perdestes a cabeça. Pois agora o caso é comigo.

— Comtigo?

— Sim, vou para lá e não saio em quanto não vir o fundo á canastra. Onde tens tu o testamento?

— O testamento tenho eu aqui, mas quem nos diz que ella não fez já outro?

— Deixa-o, em quanto não tivermos provas do contrario, a nossa obrigação é fazer valer os nossos direitos.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

À VOLTA DO MUNDO, *Jornal de Viagens e de Assumptos Geographicos*. Directores dr. Theophilo Braga e Abilio Eduardo da Costa Lobo, Empreza Litteraria Luso-Brazileira, editora; segundo anno n.º 1. Esta bella publicação, que terminou em outubro ultimo o seu primeiro volume, começa agora o segundo volume publicando alguns excerptos do livro de viagens do major Serpa Pinto acompanhados de gravuras do mesmo livro; continua a publicação illustrada da *Russia Livre*, *Cruzeiros na Costa d'Africa* e *A Questão do Transvaal*.

Esta publicação feita á similitude do jornal de viagens francez *Le Tour du Monde*, do qual publica os clichés, torna-se muito recommendavel pelo esmero com que é editada, o que muito honra a Empreza editora.

BIBLIOGRAPHIA DE PORTUGAL E BRAZIL, *jornal das livrarias*—editores Maximiano Azevedo; n.º 8, 1.º anno, com muitos artigos e noticias bibliographicas. Continuam-se n'este numero os artigos já começados no antecedente, tornando-se principalmente mais importantes o do sr. Gervasio Lobato, *A propriedade litteraria*, e o do sr. Silva Pereira, *o Journalism portuguez*, o qual vem muito fragmentado de mais.

ESTUDO ETHNOGRAPHICO, a proposito da ornamentação dos jugos e cangas dos bois nas provincias portuguezas do Douro e Minho, por J. Leite de Vasconcellos, alumno da Escola Medica do Porto.—Porto, Empreza do *Jornal d'Agricultura*, editora, 132, calçada dos Martyres da Patria, 1881—De 48 pag. e 12 estampas.—Todos os estudos que se referem á mythographia e ethnographia, são hoje importantissimos, porque tendem a reconstruir um passado quasi desconhecido e fazer desaparecer a solução de continuidade que os eruditos dos seculos passados pareciam ter estabelecido entre o mundo antigo e o moderno. As epochas primitivas, anteriores ao periodo historico conhecido, vão assim apparecendo á luz do dia, e pelo estudo dos usos e costumes tradicionalmente conservados entre o povo, vamos reconhecendo os usos e costumes dos povos antigos, e deduzindo o caminho que seguiu a humanidade desde o seu berço até aos pontos onde ella hoje se encontra, e estabelecendo portanto o laço de parentesco entre os povos modernos

e os antigos. Por isso todos os subsidios que se vão trazendo a lume, os consideramos como uma pedra lançada n'esse vasto edificio. O auctor mostra-se apaixonado por estes estudos, e quando tiver reunido a esse pendor, todo o cabedal archeologico, que é largo e difficil de assimilar, deverá continuar e alargar os esboços que hoje com tão boa vontade e curiosidade vae colligindo.

VISÕES DE HOJE, por J. I. Martins Junior—Recife, typ. Industrial, 1881. 8.º de 113 pag., e uma de notas, e adornado com o retrato do auctor.—Como este diz no seu prólogo, o volume é um ensaio de poesia scientifica, e fallando com franqueza, nós não sympathizamos nada com

O POSITIVISMO, *revista de philosophia*, dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos—Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, editores, 12, largo dos Loyos. 1881, n.º 6 do terceiro anno, agosto-setembro.—Veio muito atrazado este numero, que ha pouco recebemos, e contem artigos importantes, entre outros: *Tradições populares portuguezas—as mouras encantadas*; continuação dos materiaes para a ethnographia de Portugal, que o sr. Consigliere Pedroso, com tanto afincio, amor e intelligencia, ha annos procura colligir e concatenar, approximando as nossas tradições das de todos os povos conhecidos. O sr. Theophilo Braga tambem apresenta um estudo: *Superstições populares portuguezas*, onde

procura estudar e explicar muitas d'ellas.—Continuam-se alguns artigos anteriormente começados; ha outros scientificos e de critica, encontrando entre estes um com relação aos cantos historicos do povo pequeno-russo, illustrado com algumas notas pelo sympathico professor de historia de Kiev, Vladimiro Antonovich, que nos visitou por occasião do Congresso Anthropologico, e tão gratas recordações deixou entre os que o trataram.

ALBUM DAS GLORIAS, desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro, texto de João Rialto e João Ribaixo e lithographias de Justino Guedes, n.º 23 e 24. As estampas d'estes numeros representam os srs. Joaquim Saldanha Marinho e Camillo Castello Branco.

Com o n.º 24 termina a 2.ª serie d'esta publicação que tamanho acolhimento tem tido do publico.

CALENDRARIO ARREGLADO AL SANTORAL DE CATALUÑA para 1882, publicado pela *Sociedad Anunciadora Universal* de J. B. Agramunt y C.ª, Barcelona. 150 pag. com tabellas e annuncijs, e uma bonita capa em chromo lithographia.

OS MYSTERIOS DO POVO por Eugenio Sue, David Corazzi, editor, Lisboa. Está publicado o 3.º vol. d'este romance de grande voga e de que se tem feito successivas edições. Este vol. é acompanhado de duas gravuras.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6



EGYPTO—A PYRAMIDE DE MEYDOOM EXPLORADA RECENTEMENTE PELO ORIENTALISTA MASPERO

essa especie de poesia. Quasi todos os que se tem arrojado a esses mares tem caído, novos Icaros, porque seria necessario para tirar á poesia toda a secura que as theses scientificas apresentam, um genio de primeira ordem. Desde Hesiodo até hoje não conhecemos nada que não seja um pouco pesado; e se as *Georgicas* de Virgilio nos encantam, é porque os quadros risonhos do campo quebram toda a monotonia, que traria a explicação scientifica dos processos de agricultura, que aliás se acha completamente disfarçada. Em todo o caso o auctor tem certa imaginação; dá-nos alguns versos bem fabricados, com quanto haja muitos defeituosos, falta que o tempo, o estudo e attenção, poderão corrigir. Este voluminho tem que occupar o seu lugar nas *Camoneanas*, porque termina com a poesia *Dois epochas*, já publicada duas vezes, que o auctor reproduziu expurgada de algumas incorrecções de fórma, como diz em uma nota, e que foi escripta em homenagem ao cantor dos *Lujiadas*.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Illustrado com mais de 50 gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lithographia

É o almanach mais elegante que se tem publicado em Portugal, e é uma completa novidade.

PREÇO, EM LISBOA, 240 RÉIS

Á venda em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empreza. Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente**, rua do Loreto, 43—Lisboa.

CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empreza do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.